

## O Ensino Médio em instituições escolares do Rio Grande do Sul: entre as imperfeições do “saber” fazer, a qualidade educacional e a reformulação escolar

### Resumo

Neste texto são apresentadas algumas constatações sobre o ensino médio nas escolas privadas, nas escolas públicas federais e nas escolas estaduais do Rio Grande do Sul. Trata-se de uma análise organizacional, funcional e de resultados, particularmente diante do exame nacional do ensino médio. O trabalho parte do princípio de que as instituições de ensino médio estão distribuídas em escalas de representação social, determinadas pela pluralidade cultural, capacidade cognitiva e de poder aquisitivo de seus estudantes e de que a qualidade no ensino passa, sim, pelo investimento em infraestrutura, qualificação e valorização profissional e exigente processo de ensino-aprendizagem. O texto vai mostrar que algumas imperfeições educacionais, apontadas pelo Enem, necessariamente não são exclusivamente da rede pública, mas, também, das escolas privadas. O trabalho desenvolvido pelas escolas federais – cujo processo de ingresso de estudantes é fortemente disputado – foi aferido qualitativamente e quantitativamente. Por fim, buscou-se entender como a modernização do currículo e a flexibilização do formato atual podem amenizar os problemas das escolas estaduais gaúchas.

**Palavras-chave:** Ensino Médio, Redes Escolares, Enem, Ensino Politécnico, Pacto Nacional pelo Fortalecimento do Ensino Médio.

**Dirceu Adolfo Dirk**  
dirceudirck@yahoo.com.br

## Introdução

Em nosso país, a educação escolar é disciplinada pela Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Conforme o artigo 4º da LDB, o compromisso do Estado com a educação escolar será efetivado mediante a garantia de educação básica obrigatória e gratuita dos 4 (quatro) aos 17 (dezesete) anos de idade, subdividida em pré-escola, ensino fundamental e ensino médio. O ensino também é assegurado à iniciativa privada, pelo artigo 209, da Constituição da República Federativa do Brasil e consubstanciado pelo artigo 7º da LDB, que trata especificamente da educação básica.

O Estado brasileiro, que coordena a política nacional de educação, aceita a convivência de quatro sistemas de ensino básico: o oferecido pela rede federal (institutos técnicos federais, colégios militares e colégios de aplicação de universidades); pelas redes públicas estaduais (escolas regulares, técnicas e/ou integradas e colégios militares estaduais); pelas redes públicas municipais (institutos técnicos e escolas regulares); e o oferecido pela rede privada (escolas regulares e escolas de aplicação de universidades privadas).

Segundo o Censo Escolar do Ensino Básico de 2013, que traz informações sobre as escolas públicas e privadas do país, houve um acréscimo de crianças matriculadas em creches e na pré-escola, e um decréscimo nas taxas de matrícula no ensino fundamental e no ensino médio (ver tabela 1). No entanto, entre 2012 e 2013, o número de estudantes matriculados em escolas de tempo integral (que passam pelo menos 7 horas diárias na escola) cresceu 45,2%, alcançando 3.171.638 estudantes.

A questão mais preocupante é a do ensino médio, pois esta etapa apresenta um dos piores indicadores da educação básica. Segundo dados da ONG Todos pela Educação, aproximadamente 1,5 milhão de jovens de 15 a 17 anos estão fora da escola e a evasão registra as taxas mais altas logo no 1º ano do ensino médio. Também de acordo com o Censo Escolar do Ensino Básico 2013, as taxas estão estagnadas desde 2007, quando o número de matrículas foi de 8.369.369.

**Tabela 1: Os números gerais de matrículas por etapa de ensino**

Taxa de Matrícula	2012	2013
Creche	2.540.791	2.730.119
Pré-escola	4.754.721	4.860.481
Ensino Fundamental (1º ao 4º ano)	16.016.030	15.764.926
Ensino Fundamental (5º ao 9º ano)	13.686.468	13.304.355
Ensino Integral	2.184.079	3.171.638
Ensino Médio	8.376.852	8.312.815
Educação Profissional	1.362.200	1.441.051
Educação de Jovens e Adultos	3.906.877	3.772.670
Educação Especial (classes inclusivas)	620.777	648.921
<b>Total de Matrículas na Educação Básica</b>	<b>50.545.050</b>	<b>50.042.448</b>

Fonte: Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep)

<http://www.portal.inep.gov.br/basica-censo/escolar.asp>. Acesso em 19/03/2014.

Para Carneiro (2012, p. 21), o Ensino Médio, desde a sua organização inicial, “foi impregnado de um caráter elitista à medida que sua função jamais foi fechar o ciclo da educação básica, mas, sim, abrir a porta para o ciclo da educação superior”. Desde a década de 1930 já estavam praticamente definidas as funções da *Educação Secundária*: formação geral voltada ao prosseguimento dos estudos, para os filhos de classes média e alta e educação técnica para os alunos da classe baixa. Segundo Azevedo (2011), a Lei 5.692, de 1971, procurou acabar com a essa dualidade ao propor a implantação do Ensino Profissionalizante em todas as escolas. No entanto, “[...] o caráter impositivo da medida e a ausência de condições materiais e intelectuais para a sua implantação determinaram seu insucesso. O Ensino Médio perdeu a sua identidade, com resultados danosos para a juventude”.

Há 18 anos um conjunto de princípios, finalidades, objetivos e diretrizes atribuiu novas feições ao *Ensino Médio*<sup>1</sup> e à educação brasileira de um modo geral, quando passou a vigorar a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei nº 9.394/96.

### A visibilidade, a organização e o foco do ensino médio nas escolas privadas

Historicamente, o Ensino Médio, *respira* processos seletivos de universidades, consolidando-se, então, em nível de ensino voltado para a preparação do aluno para o

<sup>1</sup> Ver os artigos 3º, 4º, 22, 23, 26, 35 e 36.

ingresso em curso superior, prioritariamente na universidade pública. Para Moraes et. al. (2013, p. 31), os estudantes com melhor situação socioeconômica “estão na escola privada cujo fim é aprovar seus alunos nos cursos mais bem reconhecidos das universidades públicas, reduzindo a formação humana à dimensão da continuidade de estudos”.

Independentemente dos objetivos das instituições privadas, o Censo Escolar do Ensino Básico de 2013, mostra um aumento de matrículas nessas instituições. A razão seria o crescimento do poder aquisitivo das classes C e D, que opta pelas escolas particulares, quando a mensalidade cabe no orçamento e, também, pelo estigma da baixa qualidade do ensino público. Em 2003, 11% dos alunos matriculados nos ensinos fundamental e médio frequentavam escolas privadas, mas deve chegar a 20% em 2016.<sup>2</sup>

Mais do que qualquer outra instituição, a escola privada de ensino médio trabalha contextos socioantropológicos pelos quais os jovens estão sempre na porta de entrada de uma bem-sucedida vida adulta e a escola, via vestibular, contribui diretamente neste processo rumo ao êxito. Segundo Carneiro (2012, p. 22), “passar no vestibular e, agora, ultrapassar o Enem, pela sua força mercadológica, é não apenas proclamar o valor do conhecimento e da cultura, mas também se autoproclamar como capaz de abrir a cortina do mundo do trabalho e do êxito profissional”. Por sua vez, quanto maior o número de alunos, que determinada escola privada, consegue “colocar” em uma universidade federal, melhor se torna o indicativo de sua qualidade.

Essas questões não podem ser divorciadas da bem montada estrutura e do aspecto *organizacional* do sistema privado de ensino. Escolas adequadamente equipadas (laboratórios de informática, química, física, biologia), salas de aula organizadas e professores bem qualificados e bem pagos dão a visibilidade inicial. A outra é demonstrada pela carga horária superior à mínima exigida em lei, pelo currículo com disciplinas desdobradas em conteúdos específicos e pelas aulas de reforço e treinamento para o Enem/Vestibular. Além do ensino exigente e de qualidade as escolas oferecem

---

<sup>2</sup> Conforme os artigos de Raquel Landim e Lisandra Paraguassu, no jornal O Estado de São Paulo, nas edições de 22/05/2011 e 26/02/2014 (p. B3 e A16), respectivamente.

opções para atividades extraclasse, como, escolinhas de várias modalidades esportivas, ginástica, teatro, artes plásticas e música.

Quando matriculam seus filhos na escola privada, os pais sabem que o ensino ali é diferenciado e que, se seus filhos se esforçarem, obterão bons resultados. Medidas disciplinares são imediatamente comunicadas aos pais ou responsáveis, pois a postura e o comportamento precisam da preparação e do acompanhamento familiar. O mesmo ocorre quando saem os primeiros resultados das avaliações - as famílias são convidadas a comparecer na escola para conversar com os professores. Espera-se que cabe à família mostrar a importância da educação escolar e acompanhar o desempenho de seus filhos.

Muitas escolas privadas de Ensino Médio, não querem ser rotuladas, somente, como preparatórias para o Enem, mas não há mais como fugir desse exame. Criado em 1998 para avaliar os estudantes do ensino médio e estimular as escolas de todo o Brasil a melhorar a qualidade do ensino, o Enem foi transformado em vestibular em 2009 e seleciona os alunos na maioria das instituições federais de ensino superior<sup>3</sup>.

É, com certeza, um grande campeonato para as escolas e todas querem ter visibilidade a partir dos seus resultados. Porém, os números das últimas edições do exame nacional, dão as escolas privadas do Rio Grande do Sul uma presença muito discreta na elite da educação do país. Tanto é que a escola particular gaúcha, melhor posicionada na última prova divulgada pelo MEC, aparece em 111º lugar.<sup>4</sup>

Diversos envolvidos com a educação no Rio Grande do Sul procuram explicações para o constrangedor desempenho das escolas privadas no Enem. Para o presidente do Sindicato do Ensino Privado (Sinepe/RS), Bruno Eizerik, “o Enem é importante porque permite que a escola faça uma avaliação do seu trabalho, mas os resultados devem ser olhados com reserva [...] a prova foge um pouco da realidade gaúcha, pois, alguns quesitos, como a prova de literatura, se esquece de autores locais”. A professora Roselane Costella, da Faculdade de Educação da UFRGS e pesquisadora do Enem entende

---

<sup>3</sup> Informações, dados estatísticos e artigos sobre o Enem podem ser encontrados em <http://www.portal.mec.gov.br>.

<sup>4</sup> Os números relativos ao Enem/2012 foram os últimos divulgados pelo Ministério da Educação e serviram de referência para o presente artigo.

que as “imperfeições do ensino gaúcho podem ser encontradas na filosofia de ensino baseada em disciplinas estanques, com muita memorização e pouquíssima aplicação prática, modelo que o exame nacional despreza”. Para a pesquisadora, é necessário que as escolas desenvolvam conteúdos voltados ao desenvolvimento de habilidades e a resolução de problemas, pois “as questões propostas muitas vezes apresentam o conteúdo das disciplinas ao participante em vez de solicitá-lo, mas que exige que o aluno cruze essas informações com outras, raciocine e encontre a resposta para um problema”. A mesma avaliação é feita pela professora Elizabeth Krahe, também da UFRGS, para quem as escolas gaúchas são mais fiéis ao ensino isolado de disciplinas e com pouca referência à vida real. Na opinião de Jose Clovis Azevedo, secretário estadual da Educação do RS, “escola que sempre foi lugar de repetição, hoje tem de ser lugar de criação”. Por fim, para o ex-presidente do Sindicato do Ensino Privado, Osvino Toiller, “os demais Estados têm uma maior preocupação com o Enem, programam-se e se estruturam para preparar os alunos com o objetivo de alcançar uma boa média”.<sup>5</sup>

Não há como não reconhecer que as escolas privadas gaúchas ainda trabalham com um currículo encaixotado nos componentes curriculares, com um ensino e processo avaliativo voltado para o tradicional modelo de vestibular. Isso se deve porque a maioria das escolas ainda não organizou um projeto curricular em função do que o Enem exige.

Levando em conta o desempenho geral de todas as escolas de Ensino Médio, públicas e privadas, o Rio Grande do Sul alcançou apenas a oitava colocação, no Enem/2012. Tiveram notas melhores os alunos de São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia, Distrito Federal, Minas Gerais, Santa Catarina e Paraná. Na edição de 2011, o cálculo informal das médias já havia colocado o Rio Grande do Sul em oitavo e na de 2010 em quarto lugar.

---

<sup>5</sup> Síntese da notícia “Mais de 65% das escolas gaúchas ficaram abaixo da média nacional do Enem”, de Marcelo Gonzatto, publicada em 24/11/2012, pelo portal [www.zerohora.clicrbs.com.br](http://www.zerohora.clicrbs.com.br).

## A educação disciplinada dos colégios militares e o ensino de ponta das escolas mantidas por universidades federais

Os colégios militares federais<sup>6</sup>, mantidos com verbas do Exército, tem sua estrutura administrativa composta por militares e subordinada a Diretoria de Ensino Preparatório e Assistencial (DEPA), que por sua vez está subordinada ao Departamento de Educação e Cultura do Exército (DECEX). Quase todos os colégios ministram o ensino fundamental (anos finais) e o ensino médio, voltado, em primeiro lugar, para os dependentes de militares do exército e de outras forças, mas, ofertado, também, para o público externo, mediante uma prova de seleção.<sup>7</sup>

Nestas instituições a dedicação aos estudos é uma *obrigação*. Mesmo que suas finalidades consistem em despertar vocações para a carreira militar e preparar candidatos para a Escola Preparatória de Cadetes do Exército (EsPCEX), os colégios militares asseguram preparo intelectual necessário a continuidade dos estudos em instituições superiores desvinculadas ao Exército.

A exigência disciplinar aos alunos não é apontada como fator exclusivo que influencia o sucesso obtido pelos colégios militares nas avaliações nacionais, que medem o nível conhecimento dos estudantes, mas precisa ser destacada. Existem normas de conduta (Normas Reguladoras do Regime Disciplinar) que são transparentes e passadas aos pais dos alunos por ocasião da matrícula e trabalhadas diariamente com os alunos. Quando um estudante entra no colégio militar, recebe um grau de pontuação – 8 – o grau muito bom (MB). A partir de sua dedicação, do seu desempenho e do cumprimento às normas estabelecidas, pode alcançar o nível máximo que é 10. Mas, se passa a ter alterações de comportamento, que fogem aos padrões de conduta a pontuação decai. Se a pontuação chegar a 3, o aluno é submetido a uma sindicância e um relatório é enviado ao Conselho de Ensino para apreciação. Caso haja consenso entre os representantes do Conselho, o aluno é excluído do colégio. Em sala, com a disciplina dos alunos, o professor

---

<sup>6</sup> No Brasil existem 12 colégios militares, assim distribuídos: Belo Horizonte/MG, Brasília/DF, Campo Grande/MS, Curitiba/PR, Fortaleza/CE, Juiz de Fora/MG, Manaus/AM, Porto Alegre/RS, Recife/PE, Rio de Janeiro/RJ, Salvador/BA e Santa Maria/RS)

<sup>7</sup> Sites consultados: [www.eb.mil.br](http://www.eb.mil.br) ; [www.cmpa.tche.br](http://www.cmpa.tche.br); [www.cmb.ensino.eb.br](http://www.cmb.ensino.eb.br). Acesso em: 3 abr. 2014.



não perde tempo organizando a turma e pode desenvolver com tranquilidade os conteúdos de seu componente curricular.<sup>8</sup>

Os colégios militares oferecem várias atividades extraclasse. Além das esportivas (futebol, vôlei, basquete, natação, atletismo e esgrima), existem os clubes ou grêmios, como exemplo o clube de física, de química, de informática, de robótica, de xadrez e de astronomia. Nesses clubes, atividades são orientadas por um professor, onde o aluno pode aplicar na prática aquilo que aprende nas aulas. Também são desenvolvidas atividades de teatro e música.<sup>9</sup>

Mesmo que os alunos não são preparados especificamente para um concurso na área militar, para um vestibular ou para o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), não dá para negar que o resultado positivo nesses processos seletivos é consequência dos métodos e das condições de ensino. As regras bem definidas e a conscientização, por parte dos alunos, de que é importante seguir essas regras, acabam por criar um vínculo muito forte de afetividade, envolvimento e compromisso com a proposta de educação da instituição militar. Ao incorporar atitudes educacionais, desenvolver valores e compreender que é responsável pelo seu autoaperfeiçoamento, o aluno de um colégio militar está preparado para o exercício da cidadania, para vencer em qualquer atividade profissional ou em estudos posteriores.

Criados em 1946 sob a forma de “ginásios de aplicação”, os hoje colégios de aplicação vinculados às universidades federais, serviram, quando de sua criação, como campo de estágio para a prática das metodologias de ensino das faculdades de Filosofia. Com o passar dos anos se transformaram em escolas de padrão elevado com reconhecimento nacional, tanto é que o processo de ingresso de estudantes é tão disputado quanto o das melhores faculdades do País.

---

<sup>8</sup> Quando o professor entra na sala ele é recebido pelo “chefe de turma” (um aluno) que apresenta a turma já indicando os alunos faltantes

<sup>9</sup> Informações extraídas do programa “1º lugar do CMPA no Enem 2011, no RS”, veiculado pelo Jornal do Almoço - grupo RBS/RS - exibido em novembro de 2012. Disponível em: <<http://www.youtube.com/results=primeiro-lugar-do-CMPA-no-Enem-2011>>. Acesso em: 3 abr. 2014.



O quadro docente dos colégios de aplicação federais é muito qualificado, pois a grande maioria possui mestrado e muitos professores têm doutorado. A quase totalidade dos concursados trabalha sob o regime de dedicação exclusiva, diferente da rede pública estadual onde os professores, muitas vezes, precisam dar conta de mais de uma escola.

O padrão de ensino elevado ainda é apontado pelas seguintes razões: salários competitivos, carreira profissional estável, formação e aprimoramento, como estímulo aos professores; ambiente de trabalho estruturado e proposta pedagógica bem definida; infraestrutura moderna, dotada de laboratórios, bibliotecas, espaços de convivência; mostras ou feiras científicas; suporte aos alunos, com horário extraclasse para orientação acadêmica.

Diante desse quadro, é possível compreender porque os egressos dos colégios de aplicação das universidades federais ingressam nos cursos superiores de maior concorrência, nas diferentes regiões do país.

Ao divulgar os resultados do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) de 2012, o governo destacou o desempenho das escolas públicas federais – colégios militares e colégios de aplicação –, cujos alunos obtiveram média superior aos alcançados pela rede privada (ver tabela 2). As médias levam em conta as notas de redação e de cada uma das quatro competências do exame – linguagem e códigos, matemática, ciências humanas e ciências da natureza.

**Tabela 2: Médias por rede de ensino – Enem/2012**

Área do Conhecimento	Média Federal	Média Estadual	Média Municipal	Média Privada
Linguagens e Códigos	545,08	480,71	513,23	544,52
Matemática	625,24	491,18	546,73	615,07
Ciências Humanas	590,00	506,94	539,47	583,94
Ciências da Natureza	547,76	457,94	487,79	541,28
Redação	613,07	491,41	533,48	602,16
<b>Média / Total</b>	<b>564,9</b>	<b>479,4</b>	<b>511,1</b>	<b>558,21</b>

	Escolas Federais	Escolas Estaduais	Escolas Municipais	Escolas Privadas
Número de escolas	137	5.906	97	5.099
% de alunos	2,02	65,53	0,95	31,5

Fonte: Adaptação de dados do INEP/MEC

As escolas federais apresentaram um bom desempenho, é verdade.<sup>10</sup> No entanto, elas atendem menos de 3% do total de 683 mil estudantes da amostra analisada pelas autoridades educacionais e não são, assim, representativas da situação em que se encontra o ensino médio.

Entre os 100 estabelecimentos que mais pontuaram no Enem/2012, apenas duas instituições são gaúchas: o Colégio Politécnico da Universidade Federal de Santa Maria, com média de 680,62, e o Colégio Militar de Porto Alegre, com média geral 649,83. Segundo os gestores, motivar o aluno, trabalhar em equipe, qualificar o professor, estimular atividades interdisciplinares e projetos culturais, trabalhar notícias e analisar atualidades são os pressupostos utilizados pelas duas escolas para que os alunos possam desenvolver autonomia de pensamento e reflexão sobre os assuntos estudados em aula e sua relação com fatos cotidianos.

Há aqueles que afirmam que os resultados dessas instituições são melhores porque fazem processos seletivos e assim já selecionam os melhores estudantes. No Colégio Politécnico da Universidade Federal de Santa Maria, 20,37 alunos disputaram cada uma das 35 vagas da instituição no último ano. Já, no Colégio Militar de Porto Alegre o sistema de ingresso ocorre de duas maneiras. Para filhos de militares, a matrícula é assegurada automaticamente – hoje eles ocupam em torno de 70% das vagas. As chamadas vagas ociosas são disponibilizadas à comunidade externa, cujos candidatos precisam realizar uma prova de seleção para ingressar no 6º ano do ensino fundamental ou no 1º ano do ensino médio. As provas testam os alunos em matemática e língua portuguesa.

---

<sup>10</sup> Além do 4º lugar do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Viçosa (UFV), o Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) ficou na 9ª posição; o Colégio Politécnico da Universidade Federal de Santa Maria, no Rio Grande do Sul foi a 3ª melhor escola pública do país e a 24ª do ranking geral, no Enem/2012.

## Certezas e incertezas no ensino médio das escolas públicas estaduais: a politecnicidade e o pacto nacional pelo fortalecimento

Não há como negar a existência de um estado de calamidade no Ensino Médio das redes públicas estaduais, pois os resultados do Enem e do Pisa comprovam esta constatação. Em novembro do ano passado, o Ministério da Educação (MEC) divulgou os dados do Exame Nacional do Ensino Médio/2012, que revelaram que 90,8% das escolas estaduais do país, onde estudam 65,53% dos alunos do ensino médio, teve nota inferior à média nacional.<sup>11</sup> No Enem 2012, a média das 11.239 escolas brasileiras listadas pelo MEC foi de 516,5 pontos. A média das escolas estaduais foi de 479,4 pontos (ver tabela 2).

Por sua vez, o Pisa (Programa Internacional de Avaliação de Alunos) é uma avaliação realizada a cada três anos pela OCDE, Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico, com estudantes de vários países, na faixa etária dos 15 anos. A avaliação abrange três áreas do conhecimento: Leitura, Matemática e Ciências. Além de aferir o quanto os alunos aprenderam em sala de aula, a prova pretende identificar, também, se conseguem aplicar conhecimentos na solução de problemas reais. Em 2012, 510.000 jovens de 65 países participaram da avaliação. No Brasil, foram 18.589 estudantes, divididos em 767 escolas (públicas e particulares). Os resultados, divulgados no final do ano passado, mostraram que menos de 2% dos estudantes brasileiros foram capazes de solucionar questões complexas ligadas a situações cotidianas. No ranking, entre os 65 países participantes, o Brasil ficou no 58º lugar. Observe na tabela abaixo que, nos dados comparativos 2009/2012, o Brasil praticamente não apresentou evolução.

**Tabela 3: Quadro comparativo dos resultados do Brasil no Pisa desde 2000**

	Pisa 2000	Pisa 2003	Pisa 2006	Pisa 2009	Pisa 2012
Número de alunos participantes	4.893	4.452	9.295	20.127	18.589
Leitura	396	403	393	412	410
Matemática	334	356	370	386	391
Ciências	375	390	390	405	405

<sup>11</sup> Conforme artigo “90% das escolas estaduais – onde estudam 65% dos alunos – ficou abaixo da média no Enem 2012”, de 26/11/2013. Disponível em <http://www.veja.abril.com.br/noticia/educacao>.

Média das áreas	368	383	384	401	402
Media OCDE	500	497	497	500	498

Fonte: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep)

Pelos números do Enem e do Pisa é possível perceber a existência de problemas estruturais na educação pública, que convergem para a baixa qualidade da educação básica. E, não há como resolver os problemas do Ensino Médio da rede pública, sem antes resolver a questão da valorização profissional do professor: salários mais elevados e qualificação constante para “saber agir na sala de aula, através de habilidades comunicativas e domínio da linguagem informacional” (LIBÂNEO, 2011, p.12). Caso contrário, a escola pública continuará sendo “um ajuntamento de pessoas e de atividades, trabalhando em um espaço em que cada um, dentro do possível, tenta ser professor e em que cada escola, dentro do impossível, tenta ser escola”. (CARNEIRO, 2012, p. 16)

Um retrato constrangedor das escolas de Ensino Médio, sobretudo as que funcionam para atender aos extratos populares, é a falta de um adequado domínio de conteúdos, por parte dos professores. Infelizmente, um grande número não possui formação para a condução pedagógica e disciplinar na sala de aula. Para constatar essa realidade do ensino público, mais um índice negativo foi divulgado, no mês de abril deste ano, indicando que apenas 48,3% dos professores que trabalham no ensino médio possui licenciatura na área em que atuam. As informações são do Censo Escolar 2013 e foram compilados pela ONG Todos pela Educação.<sup>12</sup>

A escola de Ensino Médio pública recebe um universo de alunos visivelmente mais heterogêneo quanto à pluralidade cultural, as localidades de origem, à diversidade de distorção idade/série e a situação socioeconômica. Trazem para o interior da escola diferentes formas de ler o mundo. A maioria não consegue se adequar a etapa final da Educação Básica meramente como um ensino de memorização, com os conteúdos

<sup>12</sup> Ainda de acordo com o Censo Escolar, o Brasil tem 458.807 professores sem diploma de ensino superior – 21,9% de um total de 2.095.013 docentes em atividades. Desses, cerca de 2.000 não terminaram sequer o ensino fundamental. Artigo de 11/04/2014 e disponível em <http://www.veja.abril.com.br/noticia/educacao/apenas-32-dos-professores-do-ensino-fundamental-tem-formacao-na-disciplina-em-que-atuam>. Acesso em: 16 abr.2014.

programáticos dos componentes curriculares voltados quase que exclusivamente para vestibulares, Enem, etc. A escassez de propostas pedagógicas condizentes com a realidade dos jovens e a carência de boa formação profissional dos professores são argumentos que podem explicar a evasão escolar e a ausência de 1,5 milhão de jovens de 15 a 17 do ensino médio.

Mesmo com todos os problemas das escolas com dependência administrativa de governos estaduais, os estudantes das escolas gaúchas que integram as estatísticas do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) 2012 obtiveram segundo lugar na *média geral* entre as áreas do conhecimento no comparativo com estudantes *das demais redes estaduais brasileiras*. De 2011 para 2012, a rede estadual melhorou sua posição em relação às redes estaduais do país. Em 2011, o RS ocupava a terceira posição, passando para segundo lugar nas provas de 2012. As médias obtidas pelas cinco redes estaduais mais bem colocadas são 501,27 (São Paulo), 495,76 (Rio Grande do Sul), 491,36 (Minas Gerais), 488,36 (Rio de Janeiro) e 487,95 (Paraná).<sup>13</sup>

Para diminuir os altos índices de reprovação e evasão escolar no ensino médio, próximos dos 40%, a Secretaria do Rio Grande do Sul (Seduc-RS) já está adaptando o currículo aos moldes do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). Trata-se da inclusão de pelo menos 12 disciplinas nas quatro grandes áreas do conhecimento – Ciências Humanas, da Natureza, Linguagens e Matemática – e tem como articulação a disciplina nomeada “Seminário Integrado”. O projeto de reformulação não extingue as disciplinas, mas agrega 200 horas a mais de aulas por ano.

O Rio Grande do Sul é um dos primeiros estados a se adequar às recomendações do Ministério da Educação (MEC) de modernizar o currículo e flexibilizar o formato atual. As modificações do chamado Ensino Médio Politécnico, Ensino Médio Curso Normal e da Educação Profissional Integrada ao Ensino Médio iniciaram em 2012, com as turmas de 1º ano, e serão completadas, neste ano, com as turmas de 3º ano, das 1063 escolas da rede

---

<sup>13</sup> Conforme informações do Palácio Piratini para o Jornal Comércio do Povo – “Rede estadual do Rio Grande do Sul é a segunda melhor do país no Enem 2012”. Disponível em: <<http://leouve.com.br/politica/serra-gaucha/itemlist/tag/enem>>

Acesso em: 10 abr. 2014.

estadual que mantém esta etapa da Educação Básica. Sua justificativa é a necessidade de desenvolver um projeto educacional que atenda às necessidades do mundo do trabalho, mas que oportunize, também, a construção de projetos de vida pessoais. Do ponto de vista da organização curricular, a politecnia supõe novas formas de seleção e organização dos conteúdos a partir da prática social, contemplando o diálogo entre as áreas de conhecimento. A proposta traz uma série de modificações com a divisão da carga horária em dois blocos: formação geral e parte diversificada, a serem articulados por projetos desenvolvidos nos Seminários Integrados.

Para complementar o projeto de reformulação, também foi iniciado um programa de modernização tecnológica, com investimento em novos computadores, infraestrutura e laboratórios de informática nas escolas.

Por sua vez, para fortalecer o ensino médio e melhorar os indicadores educacionais, o Ministério da Educação lançou, ao final do ano passado, o **Pacto Nacional pelo Fortalecimento do Ensino Médio**.<sup>14</sup> Pelo pacto, o MEC e as secretarias estaduais de educação assumem o compromisso pela valorização da formação continuada dos professores e coordenadores pedagógicos que atuam no ensino médio público. Os professores cadastrados no Censo do Ensino Médio vão receber tablets e treinamento para melhorar a qualidade do ensino, com proposta de reflexão sobre o currículo, para o desenvolvimento de práticas educativas efetivas com foco na formação humana integral, conforme apontado nas Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (DCNEM). Às aulas de formação continuada terão três horas semanais de estudo em grupo, na própria escola, e três horas individuais. Cada docente participante receberá R\$ 200 mensais durante o programa.

O Pacto Nacional pelo Fortalecimento do Ensino Médio, inspirado no *Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa* e antecedido pelo *Programa Quero Ser Professor, Quero ser Cientista*, é a segunda ação do Ministério da Educação, desde 2013, para melhorar o ensino médio. O MEC pretende investir R\$ 1 bilhão no pacto.

---

<sup>14</sup> Disponível em:

[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=20189&Itemid=811](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=20189&Itemid=811). Acesso em: 11 abr. 2014.

O Ensino Médio público precisa ter a mesma qualidade do ensino das escolas federais e das privadas. Para isso, o Estado precisa valorizar e qualificar o professor que trabalha com o complexo universo de alunos. As escolas precisam funcionar em condições de preparar o aluno para a cidadania, para o trabalho e para o prosseguimento dos estudos. Sem esta escola pública o jovem brasileiro não terá condições de enfrentar as exigências postas pela sociedade moderna ou pós-industrial.

### Considerações finais

O Ensino Médio no Brasil há muito faz uma educação clássica, com disciplinas, conteúdos, aprendizagem no cotidiano da sala de aula, memorização e aplicação em provas. Por anos, está reduzido à categoria técnico-instrumental “enquadrado” para o vestibular e, mais recentemente, para o Enem. Por sua vez, as escolas que ministram este ensino estão distribuídas em escalas de representação social, algumas de padrão internacional, como os colégios militares federais, os colégios de aplicação ligados a universidades federais e um número limitado de escolas privadas; outras públicas estaduais e municipais que estão em um palco com poucos refletores e à espera de iniciativas do Estado para melhorar sua situação.

Criado para avaliar os estudantes do ensino médio e estimular as escolas de todo o Brasil a melhorar a qualidade do ensino, o novo Enem deixou definitivamente a educação básica de lado para transformar-se em condição oficial de porta de entrada para a universidade, na medida em que serve somente para aferir níveis de conhecimento exigidos do pré-universitário. Também vem produzindo um esquema de publicidade na mídia educacional como nunca se viu antes.

Carneiro (2012, p. 52) alerta que o “Enem, com o invólucro de enganosa novidade e com a concepção adotada, representa uma agressão à autonomia dos sistemas públicos de ensino, às escolas e aos seus professores”. O fato é que as escolas públicas trabalham o Ensino Médio como etapa de conclusão da educação básica e as escolas privadas como



preparatório para o vestibular. Por isso, “as chances de alunos destas escolas chegarem à educação superior são infinitas vezes maiores”.

Vimos também que no Rio Grande do Sul, as escolas privadas de ensino médio talvez estejam cobrando muito por um serviço que não é tão bom assim, pois desenvolvem conteúdos estanques e ainda priorizam muito a memorização em detrimento ao desenvolvimento de habilidades e a resolução de problemas. Por isso, não estão dando conta de levarem seus alunos a um melhor resultado no Enem. Mesmo que algumas escolas não julgam o exame como o mais importante e que existem situações que a prova não mede, como se sabe, “toda a avaliação é um julgamento de valor para uma tomada de posição” (LUCKESI, 1984, p. 152). É preciso que cada escola, internamente, discuta como esta sendo feito seu trabalho e o que é preciso fazer para melhorar a qualidade de seu ensino.

Restam, portanto, algumas instituições federais que, com um bom aporte financeiro do governo, com valorização dos professores, com excelente infraestrutura e com uma proposta pedagógica que desafia o potencial do estudante, estão entre as melhores classificadas no Enem. Mesmo que essas instituições fazem processo seletivo para admissão de seus alunos, e por consequência já selecionam os melhores, é indiscutível que quem entra encontra cobrança, pois é preciso estudar muito para acompanhar o ritmo.

Enquanto as escolas públicas continuarem apresentando problemas de infraestrutura e não encontrarem solução para a formação de um quadro estável e qualificado de docentes, que possam pensar ações pedagógicas com mais qualidade, para os alunos cada vez mais o Enem/Vestibular se tornará um obstáculo intransponível. A Secretaria de Educação do Rio Grande do Sul aposta na politecnia, onde os alunos terão um ensino mais próximo da realidade e uma aproximação maior com o mercado de trabalho, e se alia ao Ministério da Educação no Pacto Nacional pelo Fortalecimento do Ensino Médio, no compromisso pela valorização da formação continuada dos professores.

Mas, o maior problema do ensino médio, talvez, nem seja a análise que fazemos quanto aos seus resultados nas escolas, no âmbito nacional, mas quando avaliações internacionais detectam sua baixa qualidade. O Programa Internacional de Avaliação de Alunos (Pisa), em sua última edição, mostrou que os resultados negativos do Brasil na Educação não podem ser creditados apenas aos alunos de classes menos favorecidas que frequentam escolas públicas. Quando comparados com outros países, os alunos da “elite” brasileira, matriculados em instituições privadas, também se saíram muito mal. O programa que avalia estudantes em Leitura, Matemática e Ciências e na aplicação de conhecimento na solução de problemas reais, mostrou que, considerando apenas os alunos de maior nível socioeconômico de cada país, a elite brasileira figura apenas na 57ª posição entre 65 países.

Sem educação de qualidade *para todos* estaremos distantes das possibilidades de avançar no âmbito do eixo educação, cultura e civilização planetária. “Se nossas cidades estão se transformando em espaços de aprisionamento de identidades e de exclusão, nossas escolas devem se transformar em espaços de emancipação e de inclusão”. (CARNEIRO, 2012, p. 26).

O ensino médio, de um modo geral, precisa levar os alunos a valorizar os saberes sistematizados, à cultura e à ciência acumuladas pela humanidade. No entanto, diversidade cultural, cidadania, ética, cultura da paz, meio ambiente, gênero, empreendedorismo e qualificação para o trabalho também precisam estar no currículo e nas discussões de sala de aula. A escola deve ajudar o aluno a responder às inquietações do mundo atual e não apenas instruí-lo a se sair bem em um exame de conhecimentos.

## Referências

ABRAHÃO, Jorge; MOSTAFÁ, Joana; HERCULANO, Pedro. **Gastos com a política social: alavanca para o crescimento com distribuição de renda.** Brasília: Ipea, 2011.

ALAVARSE, Ocimar. Exame mostra que é preciso democratizar o ensino médio. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, ano 134, n. 43870, p. A21, 27 nov. 2013.

AZEVEDO, José Clóvis de. O desafio do Ensino Médio. **Secretaria da Educação**, Porto Alegre, 14 nov. 2011. Disponível em: <[http://www.educacao.rs.gov.br/pse/html/artigos\\_det.jsp?PAG=1&ID=85](http://www.educacao.rs.gov.br/pse/html/artigos_det.jsp?PAG=1&ID=85)>. Acesso em 26 mar. 2014.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Supremo Tribunal Federal, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação. **Censo Escolar da Educação Básica de 2013**. Brasília, DF: Inep, 2014. Disponível em: <<http://www.portal.inep.gov.br>>. Acesso em: 19 mar. 2014.

BRASIL. Lei 9.394/96: **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: Imprensa Nacional – MEC, 1996.

CARNEIRO, Moaci Alves. **O nó do Ensino Médio**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

ENSINO fundamental: Apenas 32,8% dos professores têm formação específica. **Revista Veja**, São Paulo, 11 abr. 2014. Disponível em <<http://www.veja.abril.com.br/noticia/educacao/apenas-32-dos-professores-do-ensino-fundamental-tem-formacao-na-disciplina-em-que-atuam>>. Acesso em: 16 abr.2014.

GONZATTO, Marcelo. Mais de 65% das escolas gaúchas ficaram abaixo da média nacional do Enem. **Zero Hora**, Porto Alegre, 24 nov. 2012. Disponível em: <<http://www.zerohora.clicrbs.com.br/rs/geral/vestibular/noticia/mais-de-65-das-escolas-gauchas-ficaram-abaixo-da-media-nacional-do-enem.html>> Acesso em: 2 abr. 2014.

LANDIM, Raquel. Renda aumenta busca por vaga em saúde e educação. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, ano 132, n. 42950, p. B3, 22 mai. 2011.

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora?** : novas exigências educacionais e profissão docente. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2011. (Coleção questões da nossa época; v. 2)

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar**: Estudos e Proposições. 22. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MAGGI, Leticia. 90% das escolas estaduais – onde estudam 65% dos alunos – ficou abaixo da média no Enem 2012. **Revista Veja**, São Paulo, 26 nov. 2013. Disponível em: <<http://>>

O Ensino Médio em instituições escolares do Rio Grande do Sul: entre as imperfeições do “saber” fazer, a qualidade educacional e a reformulação escolar

Dirceu Adolfo Dirk

[www.veja.com.br/noticia/educacao/90-das-escolas-estaduais-onde-estudam-70-dos-alunos-ficam-abaixo-da-media-no-enem-2012](http://www.veja.com.br/noticia/educacao/90-das-escolas-estaduais-onde-estudam-70-dos-alunos-ficam-abaixo-da-media-no-enem-2012) >. Acesso em: 2 abr. 2014

MORAES, Carmen Sylvia Vidigal [et al.]. **Formação de professores do ensino médio**, etapa I – caderno I: ensino médio e formação humana integral / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. Curitiba: UFPR/Setor de Educação, 2013.

PARAGUASSU, Lisandra. Cai o nº de matrículas no ensino médio. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, ano 135, n. 43961, p. A16, 26 fev. 2014.

PEREIRA, Antônio Carlos. O desempenho das escolas. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, ano 134, n. 43871, p. A3, 28 nov. 2013.

PRIVADAS tem nota 17% mais alta que estaduais. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, ano 134, n. 43870, 27 nov. 2013. Metrópole, p. A20.

REDE, estadual do Rio Grande do Sul é a segunda melhor do país no Enem 2012. **Jornal Comércio do Povo**, Caxias do Sul, 28 nov. 2013. Disponível em: <<http://leouve.com.br/politica/serra-gaucha/itemlist/tag/enem>>. Acesso em: 10 abr. 2014.

RIO GRANDE DO SUL. **Proposta Pedagógica para o Ensino Médio Politécnico e Educação Profissional Integrada ao Ensino Médio** – 2011-2014. Porto Alegre: Secretaria de Estado da Educação, 2011, 36 p.

STURM, Heloísa Aruth. Escolas gaúchas que mais pontuaram no Enem investem na motivação de alunos e qualificação de professores. **Zero Hora**, Porto Alegre, 27 nov. 2013. Disponível em:

<<http://www.zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2013/11/escolas-gauchas-que-mais-pontuaram-no-enem-4347937.html>>. Acesso em: 9 abr. 2014.

TOMAZETTI, Elisete; RAMOS, Nara Vieira; SALVA, Sueli; OLIVEIRA, Adriano Machado; SCHLICKMANN, Vitor. **Os sentidos do Ensino Médio** – Olhares juvenis sobre a escola contemporânea. São Leopoldo: Oikos, 2012.

VIEIRA, Leonardo; VANINI, Eduardo; GOIS, Antônio. Elite educacional do Brasil também fica entre as piores no Pisa 2012. **O Globo**, Rio de Janeiro, 20 dez. 2013. Disponível em: <<http://www.oglobo.com/sociedade/educacao/elite-educacional-do-brasil-tambem-fica-entre-as-piores-no-pisa-2012>>. Acesso em: 13 abr. 2014